



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

**ILDAMARA MARTINS LIRA**

**LEITURA, ESCRITA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ALFABETIZAÇÃO**

**CAJAZEIRAS/PB  
2016**

**ILDAMARA MARTINS LIRA**

**LEITURA, ESCRITA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ALFABETIZAÇÃO**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras/PB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dra. Zildene Francisca Pereira

**CAJAZEIRAS/PB  
2016**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096  
Cajazeiras - Paraíba

L7681 Lira, Ildamara Martins.  
Leitura, escrita e práticas pedagógicas na alfabetização / Ildamara  
Martins Lira.- Cajazeiras, 2016.  
47p.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Zildene Francisca Pereira.  
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2016.

1. Educação de crianças. 2. Alfabetização - desenvolvimento. 3.  
Leitura. 4. Escrita. I. Pereira, Zildene Francisca. II. Universidade Federal  
de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 373.2

ILDAMARA MARTINS LIRA

LEITURA, ESCRITA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ALFABETIZAÇÃO

Aprovada em 30/03/2016

Banca Examinadora

*Zildene Francisca Pereira*

---

Profa. Dra. ZILDENE FRANCISCA PEREIRA  
(ORIENTADORA – UAE/CFP/UFCG)

*Belijane Marques Feitosa*

---

Profa. MS. BELIJANE MARQUES FEITOSA  
(MEMBRO – UAE/CFP/UFCG)

*Maria Thais de Oliveira Batista*

---

PROFA. MESTRANDA MARIA THAIS DE OLIVEIRA BATISTA  
(MEMBRO – UAE/CFP/UFCG)

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Deus onipresente, minha luz e fonte de paz, detentor de todos os desígnios que me encaminharam até aqui.

Dedico em especial ao meu filho, minha calma, meu refugio à cada tempestade, motivo pelo qual luto todos os dias e busco ser uma pessoa melhor, minha benção, meu Gui!

À todos aqueles que um dia precisem desse trabalho, todos aqueles que fazem educação e buscam melhorá-la a cada dia.

## **AGRADECIMENTOS**

Há tantos para agradecer, tantos que contribuíram para a realização desse trabalho, dessa etapa profissional que se conclui, tantos que levaram um pouco de mim e deixaram de si em mim.

Agradeço a esta universidade, aos mestres que muito ensinaram e me fizeram entender que o sucesso está exatamente na dedicação e no valor que se dá a cada oportunidade que a vida nos mostra.

À Dena, querida orientadora e guia neste trabalho, que me fez enxergar os melhores caminhos a trilhar e que inúmeras vezes foi mais amiga, emprestando seus ouvidos para me deixar lamuriar e aliviar as tensões. Por toda sua paciência, obrigada!

À Cícera Alteniza, que me ajudou no início deste trabalho e que por ofícios da vida não conseguiu continuar junto a mim nesta empreitada.

Naldo, minha companhia em cada etapa e projeto de vida, em cada choro, desespero e angústia, em cada vitória e sorriso, meu amado esposo.

Agradeço ao meu filho precioso, Guilherme, que embora tão pequeno entendeu os momentos em que precisei deixá-lo para dedicar-me aos estudos. Por tantas vezes que não dei a atenção que precisavas me perdoe!

À minha família que tanto me ajudou para que eu pudesse me dedicar à realização desse trabalho, em especial à minha mãe e meu irmão Hiarley, por cuidarem tão bem do meu filho.

Agradeço imensamente aos meus amigos, os mais chegados, por cada momento vivido, cada ombro emprestado, cada mensagem trocada, cada aprendizado! Cada um sabe a importância que tem para mim!

Por fim, agradeço a Deus por ter colocado cada uma dessas pessoas em minha vida, acredito que tudo tenha um propósito e cada um que fez parte da minha jornada foi por providência divina! Obrigada pela sabedoria e luz que guiou todos os meus estudos!

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”

(Paulo Freire)

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso foi feito a partir de uma pesquisa com três professoras alfabetizadoras da rede pública de ensino do município de Cajazeiras/PB. Temos como problema de pesquisa: Como os professores alfabetizadores desenvolvem o ensino da leitura e da escrita e quais as maiores dificuldades encontradas pelos docentes durante esse processo? E para responder ao questionamento temos os seguintes objetivos: Identificar as práticas de professores voltadas ao processo de alfabetização de alunos em turmas de 1º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais do ensino público da cidade de Cajazeiras; identificar as práticas utilizadas por professores para o desenvolvimento da leitura e da escrita no processo de alfabetização; conhecer os processos vivenciados pelos alunos durante o desenvolvimento e a aprendizagem da leitura e da escrita e identificar as principais dificuldades encontradas pelos docentes no processo de alfabetização. Alfabetizar não trata apenas do aprender a ler e escrever, pois é preciso respeitar a leitura de mundo que acontece antes mesmo do aluno adquirir os códigos linguísticos. É analisando a importância que o desenho possui para a aprendizagem da leitura, sendo encarada como base de todo o processo, mostrando também que há três capacidades que o alfabetizando precisa vivenciar para alcançar a alfabetização. Posteriormente, serão explicitados os níveis conceituais linguísticos e uma reflexão sobre a formação de professoras alfabetizadoras. A análise dos dados obtidos na entrevista foram agrupados a partir de três eixos temáticos: A aprendizagem da docência alfabetizadora: a essência do ensinar; Aquisição da leitura e da escrita: as percepções e dificuldades do professor alfabetizador e Práticas pedagógicas indispensáveis para a aprendizagem da leitura e da escrita, que foram desenvolvido com base nas falas das professoras alfabetizadoras entrevistadas e nas falas dos autores e estudiosos da temática em estudo. O estudo sobre o processo de desenvolvimento da alfabetização nos permite um conhecimento sobre aspectos fundamentais que envolvem essa etapa base na vida da criança, afinal, aprender a ler e escrever é mais do que um aspecto escolar, são critérios para que o indivíduo possa conviver socialmente com o mundo letrado em que vivemos e que exige esse domínio a todo momento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alfabetização, Leitura, Escrita, Professora alfabetizadora.



## ABSTRACT

The present undergraduate thesis was made through a survey alongside three literacy teachers from the public education system at the city of Cajazeiras-PB. We have as a research issue: How the literacy teachers develop the reading and writing teaching and what are the major problems found by the professors during this process? To answer these questions, the following goals are used: Identify the teacher's practices aimed at students from the first grade, Elementary years, at public schools of Cajazeiras' city; identify the tactics used to the writing and reading development in the literacy procedure; knowledge every process lived by the pupils throughout the growth and the writing and reading learning process, also identify the main obstacles found by teachers at the literacy methods. Literacy is not just teaching how to read and write, because it is necessary to respect the general ways of reading that happens even before the student grows familiar with the linguistic codes. It is analysing the drawing importance to the development of the reading skill, taken as the basis of the whole process, showing, as well, the three capacities the learning student needs to go through as a way to achieve the level of literate. Afterwards, it will be shown linguistic conceptual levels and there will be a moment to analyse the literacy teacher's training. The data collected at the interview was divided from three main themes: The literacy teachers self learning, the essence of teaching, acquirement of the reading and writing skills, literacy professors' perceptions and problems and essential pedagogical practices to the writing and reading learning, which were developed based on the interviewed professors, also on the authors and specialists at the mentioned matter. The study over the literacy's development allow us to have a knowledge on fundamental aspects which involve this major stage at the kid's life, after all, learning how to read and write is more than a school trait, is a criteria so the individuals can live socially in the literate world which we live and requires these kind of mastery all the time.

**Keywords:** Literacy, Reading, Writing, Literacy teacher.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>1. REFLEXÕES INICIAIS ACERCA DA LEITURA E DA ESCRITA NA ALFABETIZAÇÃO</b> .....	<b>12</b>
1.1 Os níveis conceituais linguísticos .....	14
1.2 Leitura de mundo: o letramento e a importância da alfabetização .....	16
1.3 A formação da professora alfabetizadora: inquietações, reflexões e reconstrução da prática. ....	20
<b>2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>24</b>
2.1 Campo e sujeitos da pesquisa .....	25
2.2. Escolha do instrumento para a coleta de dados e análise .....	27
<b>3. CAPÍTULO DA ANÁLISE</b> .....	<b>29</b>
3.1 Aprendizagem da docência alfabetizadora: a essência do ensinar .....	29
3.2 Aquisição da leitura e da escrita: as percepções e dificuldades do professor alfabetizador.....	34
3.3 Práticas pedagógicas indispensáveis para a aprendizagem da leitura e da escrita.....	37
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>43</b>
<b>APÊNDICE A</b> .....	<b>44</b>
<b>APÊNDICE B</b> .....	<b>46</b>

## INTRODUÇÃO

O mundo em que vivemos está repleto de escritos, que nada mais são do que vários tipos de leitura presentes em tudo ao nosso redor: seja em casa, na sociedade ou em supermercados, estamos frequentemente em contato com os meios letrados, com isso, surge a necessidade de se trabalhar desde cedo o processo de ensino-aprendizagem.

Considerando que a leitura e a escrita são dois dos principais componentes para a integração do indivíduo no mundo letrado, o ingresso da criança nesse mundo deve ser uma atividade muito bem planejada e, cabe ao sistema de ensino, preparar as crianças para sua iniciação no processo de aprendizagem do ler e escrever de forma consciente e significativa.

Muitos estudiosos analisam a alfabetização como um processo de construção que deve ser observado, afinal, há muito tempo constatou-se que a escrita, e, por conseguinte, a leitura, estão diretamente relacionadas ao desenho. Percebendo a grande importância social que a alfabetização possui e o encantamento que se percebe em uma criança quando consegue representar graficamente e compreender, surgiu a curiosidade em estudar como ocorre esse processo, a evolução de etapas vivenciadas pela criança para se chegar a alfabetização.

O estudo das disciplinas de metodologias, fez com que cada vez mais aumentasse a curiosidade de estudar a fundo como ocorre o desenvolvimento da leitura e da escrita para que uma criança adquira o domínio dos códigos linguísticos convencionais, tornando-a capaz de transpor graficamente e ler tudo a sua volta, dando-lhe uma autonomia que será a base de toda a sua caminhada educacional, por isso, consideramos de extrema importância que esse processo seja muito bem executado.

Por tais motivos, a alfabetização deve ser entendida como etapa primordial para a educação, ela é a base que sustentará todo o processo de vida educacional que o sujeito irá viver, por isso, é de extrema importância que essa temática seja debatida e aprimorada cada vez mais por estudiosos e pesquisadores, a fim de que se venha a melhorar o sistema de ensino nas escolas.

Ao abordar esse tema, foi possível refletir sobre as práticas alfabetizadoras encontradas no meio educacional, visando uma análise do que muitos autores e pesquisadores trazem como sendo possíveis caminhos para se alcançar um bom

trabalho de alfabetização, além de mostrar aos professores os embasamentos teóricos necessários para uma melhoria no ensino de tal modalidade.

Podemos enfatizar que é preciso que os educadores alfabetizadores tenham conhecimento que no processo de alfabetização há níveis e que é a partir dele que se deve trabalhar as necessidades de cada aluno. São os chamados níveis conceituais linguísticos, essenciais para conhecer o desenvolvimento dos alfabetizando, para que então, possa trabalhar de forma mais produtiva atendendo os anseios e solucionando possíveis problemas em cada aluno.

Diante do exposto, surgiu o seguinte problema de pesquisa, que buscamos investigar durante o estudo: Como os professores alfabetizadores desenvolvem o ensino da leitura e da escrita e quais as maiores dificuldades encontradas pelos docentes durante esse processo? Para responder a este questionamento temos os seguintes objetivos: Identificar as práticas de professores voltadas ao processo de alfabetização de alunos em turmas de 1º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais do ensino público da cidade de Cajazeiras; identificar as práticas utilizadas por professores para o desenvolvimento da leitura e da escrita no processo de alfabetização; conhecer os processos vivenciados pelos alunos durante o desenvolvimento e a aprendizagem da leitura e da escrita e identificar as principais dificuldades encontradas pelos docentes no processo de alfabetização.

Ser professor alfabetizador requer muito mais do que capacidade de ensinar, é preciso que se tenha uma dedicação a buscar sempre novas tecnologias, ferramentas, metodologias e novas teorias, que surgem na perspectiva de um auxílio e melhoria das práticas de sala de aula, afinal, é preciso despertar na criança capacidades motivadoras para que se tornem leitores e escritores competentes e é justamente por essa causa social que é necessário que esse processo se inicie nos primeiros anos escolares.

O estudo do tema em questão nos oportunizou um leque de conhecimentos teóricos e práticos a respeito do desenvolvimento da leitura e da escrita na alfabetização, contribuindo, ainda, com a experiência de observações práticas vivenciadas por docentes e discentes que servirão de orientação para quem mais interessar a compreensão do tema em análise. Ao fim do trabalho, entendemos que as professoras conseguiram nos repassar seu entendimento acerca da leitura e da escrita, além de falar sobre suas experiências em sala de aula para fazer com que as crianças do 1º Ano do Ensino Fundamental aprendessem de forma significativa.

## 1. REFLEXÕES INICIAIS ACERCA DA LEITURA E DA ESCRITA NA ALFABETIZAÇÃO

Por vezes, o processo de alfabetização ocorre sem que o professor saiba de que forma deve caminhar o seu trabalho, quais as etapas da aquisição da linguagem escrita, e acabando por considerar sua tarefa cumprida quando termina o conteúdo ou quando encerra a cartilha ou o livro com atividades contínuas determinadas. Assim, aprender a ler e a escrever resume-se a decodificar e transcrever graficamente, sem que haja uma análise mais aprofundada de todo o processo de leitura e escrita.

Se os caminhos percorridos se derem dessa forma, fica impossibilitado o entendimento da construção dos códigos linguísticos como base essencial do trabalho do alfabetizador, pois é preciso respeitar as limitações do aluno e saber tirar o melhor do seu desenvolvimento, do seu potencial enquanto aprendiz.

Antes de dominar os regras sistemáticas e códigos sociais, ou seja, a leitura de forma convencional, a criança encontra no desenho uma forma de representação da sua linguagem, o que nos remete a forma que nossos primitivos iniciaram a comunicação gráfica. Os homens pré-históricos utilizavam-se de desenhos para registrar algo que havia acontecido no seu ambiente, ou para gravar algo, ou ainda para passar uma mensagem, embora esses desenhos não garantissem uma mensagem exata para quem a via. Depois, os povos antigos foram encontrando símbolos e significando cada um deles, até que se caminhasse a escrita convencional que conhecemos e utilizamos atualmente. Dessa forma,

Parece que a criança redescobre aquilo que a humanidade descobriu: a fala pode ser reproduzida por letras, palavras e frases. Fica difícil especificar como ocorre o deslocamento de “desenhar objetos” para o ato de “desenhar a fala”, mas sabe-se que a aquisição da linguagem escrita ocorre por meio desse deslocamento. O segredo do “ensino” da linguagem escrita está, comprovadamente, em mediar e organizar essa transição natural (CÓCCO, 1996, p. 19).

A criança encontra no desenho a sua forma de expressão, e o caminho graficamente comunicável para transmitir alguma mensagem, é a forma que ela encontra para se aproximar da escrita sistematizada, como uma etapa que antecede a escrita socialmente comunicável, que antecipa a simbologia que utilizamos para

escrever, o chamado alfabeto. Por isso, nos permitimos fazer essa comparação entre a origem da constituição das letras que conhecemos, que é a herança das primeiras tentativas de comunicação advindas da pré-história, com a construção do aprendizado da criança, sua forma de ver e compreender o mundo das letras. Assim,

Durante o seu desenvolvimento, há um momento em que ela percebe que alguns traços podem representar ou significar algo, embora ela ainda não perceba como um símbolo, mas como algo que contém elementos que lembram o objeto. Depois, os desenhos vão se tornando linguagem escrita real, em que a representação de relações e significados individuais vai se convertendo em sinais simbólicos abstratos. O desenho acompanha a frase e a fala permeia o desenho, o que é essencial e decisivo para o desenvolvimento da escrita (CÓCCO, 1996, p.18).

Com essa visão, a autora nos faz entender que há toda uma lógica evolutiva na forma como a criança utiliza o desenho para se comunicar e se expressar, essa se torna a chave inicial para que ela aproxime-se da comunicação escrita convencional, pois a partir do momento que ela relaciona os seus registros – que por ora faz através do pictórico – com a linguagem oral, ela passa a entender que há simbologia própria que representa a fala, que é a escrita.

Por isso se torna indispensável, antes de tudo, reconhecer a importância do desenho para a criança, buscando compreender essa sua forma de expressão, afinal, se ele consegue representar através do desenho é porque ele já progrediu a sua linguagem falada, portanto, assim acontecem as suas primeiras leituras, as primeiras interpretações e familiarização com a simbologia escrita convencional.

Reconhecer a importância do desenho é um processo facilitador para a alfabetização da criança, é saber aproveitar o que ela demonstra já ter domínio para que assim consiga evoluir para a leitura e a escrita propriamente dita. Lemle (2007) faz-nos analisar três capacidades fundamentais que o alfabetizando precisa encarar:

[...] a primeira é a capacidade de compreender a ligação simbólica entre letras e sons da fala. A segunda é a capacidade de enxergar as distinções entre as letras. A terceira é a capacidade de ouvir e ter consciência dos sons da fala, com suas distinções relevantes na língua (p. 09).

De acordo com essas distinções, o primeiro passo para a formação da alfabetização é saber distinguir os símbolos utilizados na construção da escrita,

tomando consciência que estes nada mais são do que as transcrições da fala, porém, essa não é uma simples tarefa, já que há símbolos por todos os lados e de todas as formas, mas é preciso desenvolver na criança a ideia de que há na escrita a representação de sons por letras.

Esse primeiro passo evidencia que a leitura deve sempre estar presente no processo de alfabetização, mesmo que, ainda, não se perceba no aluno o desempenho da leitura convencional, pois quanto maior for a sua familiarização com o mundo letrado, melhor será o caminho a ser percorrido para que ele consiga alcançar esse desempenho de forma satisfatória.

O segundo problema se dá no despertar para a identificação de que cada risquinho da página equivale a um som da fala, assim é preciso desenvolver percepções visuais para a diferenciação entre os símbolos escritos, para que haja a compreensão de que cada som é transcrito com os aspectos específicos de grafia.

Nessa etapa, é fundamental chamar a atenção do aluno para a diferença entre cada letra, assim, aos poucos ela irá relacionar determinado som a um símbolo específico, mesmo que, por vezes, faça confusão entre símbolos gráficos parecidos, o que deverá ser perfeitamente compreendido.

O terceiro problema, relacionado ao princípio da alfabetização, se dá quando o aprendiz começa a ter consciência da percepção auditiva e passa a perceber as diferenças de sons pertinentes à diferenciação de letras.

Por excelência, um alfabetizador realmente preocupado em fazer o melhor no seu ensino, deve buscar compreender cada um desses processos e formas metodológicas de desempenhar um bom trabalho. Não adianta resumir o processo de ensino da alfabetização, apenas, à junção de letras, sílabas, para, então, compor palavras e passar a conhecer o 'nome' de cada letra, é preciso que se compreenda as formas como a criança constrói o conhecimento, para saber como lidar com cada etapa, respeitando o nível de cada uma e fazendo com o que o processo caminhe da melhor forma possível.

## 1.1 OS NÍVEIS CONCEPTUAIS LINGUÍSTICOS

Uma grande e influente pesquisadora sobre a prática pedagógica voltada as concepções da criança sobre a linguagem foi Emília Ferreiro. Ela nos mostrou que

[...] a alfabetização é um longo processo, em que o aprendiz observa, estabelece relações, organiza, interioriza conceitos, duvida deles, reelabora, até chegar ao código alfabético usado pelo adulto. Da mesma forma que o ser humano nasce, passa pela infância e adolescência, até atingir a idade adulta, a criança apresenta 'fases' ou 'níveis' de desenvolvimento quanto à construção do pensamento em relação à linguagem escrita (CÓCCO, 1996, p. 36).

Esses níveis de desenvolvimento são chamados de “níveis conceptuais linguísticos”, dividindo-se em quatro fases: nível pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e nível alfabético.

A obra Ensino da Linguagem no currículo, de Ana Iório Dias (2001), explicita claramente como acontece o desenvolvimento de cada um desses níveis. O primeiro deles, o pré-silábico, trata-se do momento inicial em que a criança passa a demonstrar consciência de que o desenho é diferente da escrita, atribuindo-lhes o valor de comunicação e expressão, além de despertar para a representação de coisas que fazem parte de seu cotidiano. Um grande marco nessa etapa de desenvolvimento da escrita, é que o indivíduo utiliza-se tanto de letras quanto de números para fazer seus registros, posteriormente, passa a ter consciência que o papel das letras é escrever, mas ainda não é capaz de corresponder letras e sons.

Nesse processo, o importante não é a ordem de disposição das letras e há a concepção de que só é possível ler algo se houver muitas letras e quanto mais variadas possível, pois, para uma criança em nível pré-silábico, letras e/ou sílabas não podem se repetir na mesma palavra, além de ser comum que atribua muitas letras ao tentar representar um substantivo de tamanho grande, bem como o inverso, menos letras para representar algo pequeno, como por exemplo, pode utilizar inúmeras letras para escrever a palavra “girafa” e poucas letras para ilustrar a palavra “formiguinha”, isso, devido ao tamanho visual que ambas possuem.

Após essa primeira fase, a criança passa ao nível silábico e começa a perceber que há uma lógica para escrever, assim, passa a atribuir pedaços sonoros para cada letra ou som que escuta. As principais características do nível silábico são:

Aceitação de palavras com uma ou duas letras, mas ainda com uma certa hesitação. Algumas vezes, depois de escrever a palavra, coloca mais letras só para ficar 'mais bonito'. Exemplo: UALXTO (uva).



Possibilidade de convivência com a hipótese de quantidade mínima de letras por um bom tempo.  
Utilização de uma letra para cada palavra ao escrever uma frase” (CÓCCO, 1996, p. 41).

Quando o sujeito começa a perceber que escreve diferente das outras pessoas, passa a buscar outra forma de escrita para sanar sua necessidade, vivenciando um conflito de negação da lógica que antes era plenamente eficaz para que ele pudesse construir sua escrita, assim, surge o nível 3, o silábico-alfabético, começando a atribuir uma letra a cada som, passando a escrever algumas sílabas completas e outras, ainda, incompletas, acrescentando mais letras a sua escrita, ficando mais próximo da etapa de alfabetização.

No último nível, o alfabético, “[...] a criança reconstrói o sistema linguístico e compreende a sua organização, ela transpõe a porta do mundo e das coisas escritas, conseguindo ler e expressar graficamente o que pensa e fala” (CÓCCO, 1996, p. 43). Nesse processo, a criança passa a relacionar letra/sílaba com o som, principalmente as que mantêm certa regularidade, encontrando a sua frente o desafio de compreender e superar as irregularidades da língua, como por exemplo, os diferentes sons existentes em uma mesma letra, além das normas e regras da língua portuguesa, tendo consciência de que esse processo é contínuo e que a leitura e a escrita passarão por inúmeras etapas evolutivas no período de alfabetização e por toda a vida escolar do aluno.

## 1.2 LEITURA DE MUNDO: O LETRAMENTO E A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO

Antes mesmo que a leitura convencional, sistematizada, aconteça na vida do aluno, ele já é capaz de fazer diversas leituras e interpretações. É o que conhecemos, no meio pedagógico, por ‘leitura de mundo’, termo citado pelo respeitado educador Paulo Freire e que nos remete a inúmeras reflexões sobre como acontece essa leitura de mundo.

Ao redor do mundo da criança, há diversas ferramentas que possibilitam a sua interpretação e o desenvolvimento da leitura do seu entorno, a partir de: livros, desenhos animados, anúncios de TV, cartazes, embalagens, enfim, são inúmeros os

recursos que estão à disposição do indivíduo para que desperte sua interpretação, sendo este, o início do desenvolvimento da leitura.

Fica fácil perceber que nenhuma aprendizagem começa do zero e por mais que o ensino convencional ainda não tenha se iniciado, a criança já traz consigo uma base de conhecimento e de interpretação para que se desenvolva o processo de alfabetização, tornando mais fácil a assimilação das informações apresentadas no âmbito escolar.

Um dos grandes objetivos da escola deve ser formar cidadãos capazes de ler, produzir e compreender o mundo a sua volta em todos os sentidos, para isso, deve-se partir do princípio de leitura de mundo como a primeira etapa de ensino e importante ferramenta formadora para o mundo letrado, pois a leitura é um processo que se desenvolve a partir da necessidade que o homem possui de ler o mundo a sua volta, e, conseqüentemente, traz consigo a escrita como um processo inerente a aquisição da leitura.

A autora Andaló (2000), faz uma importante análise sobre o desenvolvimento desse processo ao dizer que,

[...] como atividades cognitivas que se complementam, as duas práticas, leitura e escrita, devem ser ensinadas ao mesmo tempo, pois não se justifica que uma criança escreva sem compreender o que está escrevendo ou leia (soletre letras) sem entender o que está lendo (ANDALÓ, 2000, p. 48).

Seguindo esse ponto de vista, fica evidente a imensa importância que esse processo seja encarado como fase primordial para a aprendizagem da criança e o despertar para o mundo letrado exigido pela sociedade, por isso que é preciso que o alfabetizador conheça e respeite o desenvolvimento de cada aluno, fazendo com que essa etapa seja vivenciada de forma prazerosa e dinâmica.

Na prática, autores e estudiosos chamam esse processo de letramento, que é quando a criança passa a estar em contato com a escrita do mundo letrado a sua volta e com a ação de adultos leitores, o que, por vezes, só irá acontecer dentro de instituições educativas, o que torna, ainda, mais importante e minucioso o trabalho do alfabetizador.

Um grande detalhe a ser trabalhado pelo professor alfabetizador é sempre direcionar o leitor a busca pelo significado, pelo sentido, nos mais distintos ensinamentos e métodos que vá trabalhar com seus alunos.

Há muitas possibilidades e estratégias de iniciar, nos dias atuais, o processo de alfabetização, pois muitos autores defendem o uso de métodos globais em substituição à soletração e o ensino de letras e sílabas isoladas. Carvalho (1994) defende três propostas de alfabetização: a partir do texto, da frase e a partir da palavra contextualizada.

A alfabetização a partir de textos possui objetivos próprios e mais globais, facilitando que a criança entre em contato com a leitura propriamente dita e perceba os aspectos presentes na leitura, compreendendo que um texto possui uma mensagem a ser dita; aprenderá os usos sociais da escrita e os mais diferentes tipos de organização textual, além de permitir que se compreenda as relações existentes entre a escrita e a fala. Para que esse trabalho seja eficaz, é necessário que o texto possua sentido e interesse para a turma e que seja de fácil compreensão.

Muitas vezes, por medo de iniciar a alfabetização por meio de textos, considerando que seja algo complexo para “começar”, educadores optam por um segundo método, a alfabetização a partir de frases, que pode ocorrer a partir de frases formadas pelo professor, pelo aluno, extraído de histórias, jornais, textos informativos, enfim, o essencial é fazer com que o trabalho tenha um sentido concreto e completo, trabalhando todos os aspectos possibilitados por essa metodologia, envolvendo leitura, escrita, compreensão e interpretação.

A alfabetização a partir da palavra traz presente um aspecto muito importante e que merece uma especial atenção que é a contextualização. Em especial, tal modalidade de ensino deve acontecer dentro de um contexto, trazendo aspectos que façam sentido ao aprendiz e que seja de fácil compreensão, para que esse ensino passe a ser algo próximo a criança e interessante, pois “[...] é perfeitamente possível contextualizar uma palavra, torná-la tão viva, tão significativa, que o interesse por conhecê-la na escrita vem naturalmente” (CARVALHO, 1994, p. 72).

Fica evidente que a alfabetização é uma etapa primordial para o desenvolvimento de toda a vida escolar e social do indivíduo, há um despertar que aguça a curiosidade e a necessidade de absorver as leituras do dia a dia e cabe ao educador perceber o desejo do aluno, contextualizar o ensino para que realmente aconteça uma aprendizagem prazerosa, significativa e de importante função social.

São inúmeros os caminhos e metodologias para que o trabalho seja efetivado e é muito importante que o professor que tenha em mão a função de alfabetizar, seja consciente da sua real função no ensino da leitura e da escrita conscientes e, portanto, conheça todos os níveis existentes nesse processo, respeitando e estimulando os discentes.

A alfabetização é um processo de ensino e aprendizagem que favorece o encontro da pessoa com o ensino inicial da leitura e da escrita, refletindo sobre seus usos sociais, desenvolvendo a capacidade interpretativa e de compreensão do mundo letrado.

As etapas a serem vivenciadas para que se alcance a alfabetização são muitas, por isso é tão necessário reforçar a ideia de que mais do que métodos propriamente ditos, precisamos de práticas eficazes em sala de aula, afinal, mais do que saber os recursos a serem utilizados é saber como a mensagem a ser passada chegará a criança.

O letramento traz uma visão de ensino que defende a aproximação do cotidiano da criança para que se construa o conhecimento da leitura e da escrita que são exigidas socialmente, por isso é tão rico trabalhar a partir de situações próximas a realidade do indivíduo, pois o conhecimento prévio do que se irá aprender é um grande facilitador do ensino. Dessa forma,

[...] Alguns autores sugerem que, da convivência e experiência dessas situações de leitura e da apreensão das regularidades, as crianças vão, aos poucos, destacando, deslocando traços ou características distintivas da escrita, desenvolvendo o que se chama “leitura incidental”, e aprendendo a ler sozinhas (SMOLKA, 2003, p. 54).

A criança pode vivenciar o letramento antes mesmo de ser alfabetizada, fazendo as leituras incidentais de rótulos, sentimentos, imagens, coisas do seu cotidiano e perfeitamente compreensíveis pela criança, em que são capazes de, mais do que entender, transpor para o outro a sua compreensão, o seu saber. O letramento está contido na alfabetização e vai além dela, ele deve anteceder e acompanhar todo o processo de formação do aluno, para a construção da aquisição dos códigos linguísticos socialmente aceitáveis.

Para isso, inúmeros métodos, recursos e práticas podem ser utilizados. Durante este capítulo foram citados os métodos globais como a base de defesa da

maioria dos estudiosos da área, mas é preciso destacar que cada sala de aula, cada aluno, possui uma forma própria de aprender e não existe uma receita pronta para se trabalhar com a alfabetização, por isso que o educador precisa ter clareza quanto às práticas que irá priorizar, ter vontade e disponibilidade para estar sempre atento as necessidades e capacidade de seus educandos, buscando respeitar as etapas vivenciadas por cada um, promovendo formas eficazes e efetivas para formar leitores e escritores conscientes e críticos.

### 1.3 A FORMAÇÃO DA PROFESSORA ALFABETIZADORA: INQUIETAÇÕES, REFLEXÕES E RECONSTRUÇÃO DA PRÁTICA.

Ao pensar sobre a alfabetização deve-se analisar esse tema com toda a sua diversidade e amplitude de fatores. Há uma gama de aspectos que devem ser vistos e considerados de forma individual para que se compreenda o processo desse ensino como um todo.

Um desses fatores que consideramos de fundamental importância é o próprio professor alfabetizador e sua formação, pois quem ensina o faz da forma que aprendeu e isso deve ser investigado para então ter uma compreensão das influências e vivências desse sujeito em seu processo de formação que, por consequência, lhe fez construir as características e sua identidade profissional.

Sabemos quão importante é a função de um professor que traz consigo a responsabilidade de alfabetizar crianças, pois ele servirá de base para todo o processo de escolarização e de socialização ao mundo letrado e todas as suas práticas trarão consequências aos seus educandos, sejam elas agradáveis ou não, mas, também, vemos a nítida desvalorização que se dá a profissão docente.

Uma das formas de desvalorização, que parte dos próprios governantes, e que vem acontecendo ao longo do tempo é a descrença, pois podemos considerar, a capacidade produtiva do professor alfabetizador, tentando, por vezes, fazer com que as tecnologias e kits pedagógicos prontos encontradas nas capacitações de professores, superem as atividades de formação, inferiorizando o trabalho pesquisador e construtor de quem conhece de perto a realidade dos alunos e a estrutura escolar.

Garcia (2003) traz presente um pensamento muito interessante sobre as visões elitistas que se estabeleceram com o intuito de ditar práticas transformadoras nas capacitações, defendendo que é preciso trazer reflexões que fortaleçam o saber das professoras em formação, buscando compreender a construção desses saberes.

[...] Este diálogo tem fertilizado nossas discussões e nossos olhares para a escola e para a prática das professoras alfabetizadoras no sentido de resgatar o conhecimento que por elas é produzido no cotidiano escolar (trabalho, portanto) e que frequentemente é desqualificado pelos que pretendem 'capacitá-las'. Aliás, já o título 'capacitação de professores' é revelador de preconceito, pois só pode entender capacitar as professoras quem as considera incapazes. E se elas são consideradas incompetentes é porque, equivocadamente, muitos consideram a prática como um espaço de produção de conhecimentos (p. 19).

De tal modo, a visão crítica da autora a tais capacitações, nos remete a uma análise de que tudo isso se transforma em aplicação de 'receitas' prontas que tiram do educador o papel pesquisador que deveria ser a base de seu ensino, entendendo que um bom ensino só ocorre quando se investiga e passa a conhecer o mínimo necessário da realidade de toda a comunidade escolar, adequando às práticas de ensino de acordo com as prioridades de cada situação e sujeitos.

Durante a formação de professores é importante que se desperte o entendimento de que a prática se constrói no cotidiano da sala de aula e que as diversas metodologias que estão à disposição, devem ser adequadas a realidade de cada espaço educacional, por isso, mais do que saber fazer é preciso pensar no como e no por que fazer, para que se possa atender as reais necessidades de cada aluno.

Reconhecer a professora como capaz de teorizar sobre a sua prática é para nós um princípio teórico-epistemológico que alicerça nossa postura política e que nos faz considerar a escola como um espaço de teoria em movimento permanente de construção, desconstrução e reconstrução (GARCIA, 2003, p. 21).

Ao incorporar essa função de construção, desconstrução e reconstrução da prática a partir da pesquisa, há um reforço entre as relações da teoria com a prática,

e, conseqüentemente, o professor que investiga se capacita e busca reforços para melhorar o ensino, havendo uma consciente necessidade da formação contínua.

Se considerarmos as práticas de ensino como algo que precise estar em constante reconstrução é preciso então reavaliar a forma como os métodos vêm sendo vistos ao longo dos anos, e isso parte desde as formações de professores quanto sua prática, “[...] o modelo transmissor é tão ultrapassado na formação de professores quanto na educação de crianças, e que tanto umas quanto outras percebem e a ele resistem.” (GARCIA, 2003, p. 22).

Podemos enfatizar que existem inúmeras resistências, pois é preferível continuar no que já se tem como certo, o caminho que se conhece é menos arriscado e mais fácil de se percorrer, mas encarando a educação como algo que se reconstrói a cada momento e que deve ser adequada a cada contexto, não se pode permanecer estagnado nos mesmos métodos.

É importante ousar, procurar novos caminhos, sair do que é cômodo e arriscar-se, para que possamos construir metodologias compatíveis ao ensino que se deseja, um ensino que está em constante transformação e que deve ser reconstruído na sua totalidade e isso deve partir da consciência construída ao longo do trabalho do educador.

A alfabetização vista por esse ângulo de pesquisa e de constante reconstrução é entendida como algo libertador, algo que desperta a autonomia do indivíduo, tanto o professor que é o construtor das práticas, quanto o aluno que passa a ter sua autonomia para expor seus próprios pensamentos e opiniões, pois, “[...] entendemos de fundamental importância que todos se alfabetizem para dizer e escrever a sua própria palavra e não para repetir subservientemente a palavra de quem o subalterniza” (GARCIA, 2003, p. 30).

A qualidade da alfabetização, vindo por esse ângulo, é uma proposta formadora que torna o ser crítico e criador, não um mero conhecedor que irá reproduzir a leitura e a escrita, assim, é compreensível a grande importância que é uma boa formação de professores alfabetizadores, são eles que serão os responsáveis por toda a transformação social que se anseia.

Precisamos pensar na formação de professores como um espaço transformador responsável por disseminar mentes cheias de novas ideias para que se ampliem as visões sobre os mais diferentes espaços em que pode haver aprendizagem, “[...] amplia-se o universo cultural da professora, o que lhe abre

possibilidades de ampliar o universo cultural de seus alunos, que se saiba, o papel fundamental da escola” (GARCIA, 2003, p. 31).

Quando se fala em cultura logo se pensa em arte, um espaço que pode abranger as mais diversas linguagens, por isso, é tão acessível, mas é necessário pensarmos que nem todo professor tem conhecimento da arte que é discutida amplamente e torna difícil o ensinamento de algo que ele não teve acesso em sua formação.

Por muito tempo o método tradicional de ensino entendeu a arte como desordem, algo que desestruturava o espaço escolar, hoje, há uma grande defesa que o aprender esteja relacionado a algo divertido, ao brincar, as mais diferentes formas de fazer arte. É preciso entender essa arte como algo construtivo, que desenvolve as mais diferentes potencialidades e abrange as mais diversas manifestações artísticas sociais, aproximando, assim, escola e comunidade, permitindo que se construa um currículo que aproxime as atividades educativas às vivências do aluno.

Assim, fortalece-se o discurso enfatizado neste texto de que a base de toda essa mudança está na reconstrução dos cursos de formação de professores, é preciso repensar o fazer pedagógico, reconstruir os objetivos principais desse importante processo formador, para que se reflita sobre o real sentido do ato de ensinar, pois, “[...] quando o conteúdo a ensinar, o porquê ensinar e para que ensinar já não se colocam claramente para as professoras, torna-se oportuna uma questão: as chamadas dificuldades de aprendizagem não seriam dificuldades de ensino?” (GARCIA, 2003, p. 119-120).

Desse modo é imprescindível aproximarmos a formação de professores, da realidade vivida por seus alunos, promovendo uma diminuição das dificuldades encontradas em ambas as partes, é preciso estimular a ousadia, a coragem de inovar de construir e reconstruir práticas, metodologias e o ensino como um todo para que se alcance uma formação completa e a autonomia dos sujeitos em formação, a partir de diferentes aprendizagens.



## 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tão importante quanto saber o que se objetiva pesquisar, é conhecer os caminhos por onde se deve caminhar e os métodos aos quais se deve seguir. A metodologia de pesquisa é “[...] um processo que se inicia desde a disposição inicial de se escolher um determinado tema para pesquisar até a análise dos dados com as recomendações para minimização ou solução do problema pesquisado” (OLIVEIRA, 2008, p. 43).

Compreendendo dessa forma, é importante que os recursos metodológicos sejam criteriosamente definidos quando se inicia um trabalho de pesquisa, afinal, são os caminhos que o pesquisador irá traçar que serão responsáveis pela solução e/ou entendimento da situação problema em questão, permitindo o conhecimento necessário da realidade ao qual se deseja vivenciar, para então, encontrarmos as respostas almejadas, construindo um bom trabalho de pesquisa.

A presente pesquisa busca conhecer como os professores alfabetizadores desenvolvem o ensino da leitura e da escrita e quais as maiores dificuldades encontradas pelos docentes durante esse processo, para isso, buscou-se uma pesquisa pautada em uma abordagem qualitativa, que

[...] pode ser caracterizada como sendo uma tentativa de se explicar em profundidade o significado e as características do resultado das informações obtidas através de entrevista ou questões abertas, sem a mensuração quantitativa de características ou comportamentos (OLIVEIRA, 2008, p. 59).

Analisando o que diz Oliveira (2008) podemos entender a pesquisa qualitativa como facilitadora de um momento ímpar entre pesquisador e participante, especialmente no que se refere a descrição dos problemas e hipóteses, fato e fenômenos observados, para se chegar a compreensão do que se almeja investigar.

A pesquisa em questão aconteceu com três professoras de salas do 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de três escolas públicas da cidade de Cajazeiras no estado da Paraíba, uma da rede municipal e duas da rede estadual, visando uma pesquisa descritiva, em que se permite fazer,

[...] uma análise do problema de pesquisa em relação aos aspectos sociais, econômicos, políticos, percepções de diferentes grupos,

comunidades, entre outros aspectos. Também é utilizada para a compreensão de diferentes comportamentos, transformações, [...] e elementos que influenciam um determinado fenômeno (OLIVEIRA, 2008 p. 68).

A coleta de dados para a resolução do problema em questão foi realizada através de uma entrevista semiestruturada. A escolha desse instrumento foi para que as respostas dadas pelas entrevistadas fossem expressas com mais naturalidade, já que o instrumento permite que se faça uma pesquisa dialógica, em que se pode direcionar os questionamentos a uma simples conversa, fazendo assim, com que os sujeitos sintam-se mais a vontade para responder de acordo com suas vivências e sua realidade. Esse instrumento direciona o pesquisador para que se faça uma análise posterior dos dados, de forma clara e precisa, como entende Oliveira (2008) ao definir a entrevista como um,

[...] excelente instrumento de pesquisa por permitir a interação entre pesquisador(a) e entrevistado(a) e a obtenção de descrições detalhadas sobre o que se está pesquisando. No entanto, é preciso que o entrevistador não interfira nas respostas do entrevistado(a) [...]. (p.86)

A análise dos dados será feita de modo que os estudos teóricos serão confrontados com os dados obtidos através da pesquisa de campo – entrevista semiestruturada – com a busca em responder ao seguinte questionamento: Como os professores alfabetizadores desenvolvem o ensino da leitura e da escrita e quais as maiores dificuldades encontradas pelos docentes durante esse processo? Dessa forma será possível respondermos aos objetivos traçados para essa pesquisa.

## 2.1 CAMPO E SUJEITOS DA PESQUISA

A pesquisa em questão foi realizada através de uma entrevista semiestruturada com três professoras que trabalham na rede pública de ensino no município de Cajazeiras/PB, uma da rede municipal e duas da rede estadual de ensino, ambas professoras de salas de 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino

Fundamental. As professoras atenderam prontamente o convite para participar da pesquisa bem como não se abstiveram quanto à gravação das entrevistas.

A primeira professora entrevistada, a qual chamaremos de Marina, tem 29 anos e ensinava em uma escola multisseriada da zona rural quando recebeu a formação do LOGOS II, um projeto do Governo Federal que tinha um carácter formativo à professores leigos em regime emergencial para o exercício do magistério; hoje ela cursa o 5º período de Pedagogia, porém, já faz 14 anos que leciona, mas apenas este ano é que deu aulas em sala de primeiro ano.

A professora Marina relatou que foi uma escolha exercer a profissão do magistério e entende que se escolheu essa profissão, não importa se ensina no 1º ano ou 5º ano, para ela, a alfabetização permeia todas as séries do ensino fundamental e que acha prazeroso exercer essa função. A escola em que trabalha está localizada na zona rural do município de Cajazeiras/PB, que abrange um grande número de alunos de toda aquela região, uma comunidade escolar que mescla as mais variadas realidades socioeconômicas e culturais. A maioria dos alunos mora distante da escola e fazem o percurso em ônibus escolares, bem como os professores.

A segunda professora entrevistada, que chamaremos de Lúcia tem 44 anos e possui licenciatura em Pedagogia e especialização de Psicopedagogia, trabalhando há 9 anos em sala de aula e há 5 exerce seu ofício em salas de primeiro ano, que, segundo ela, é um pedido feito pela direção da escola.

A escola em que trabalha é da rede estadual de ensino e fica localizada no centro da cidade, não é uma escola tão grande por isso há uma superlotação nas salas de aula, devido a grande procura de vagas por parte dos pais, que, segundo relatado pela entrevistada, há uma grande participação familiar no que se refere a educação das crianças, como também essa é uma das maiores cobranças por parte da escola, aproximar a comunidade da escola.

A terceira professora, a qual daremos o pseudônimo de Érica, tem 26 anos, é formada no Normal em Nível Médio há 6 anos e está concluindo o curso de Bacharelado em Filosofia. Hoje trabalha em uma escola estadual da periferia da cidade de Cajazeiras/PB em regime de contrato e apenas há um ano ensina em sala de 1º ano, que, de acordo com o que ela relatou, foi uma escolha sua exercer esse ofício e que embora tenha feito um curso superior em uma área distinta, pretende

fazer uma licenciatura em Pedagogia e seguir lecionando nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

A escola em questão fica localizada em um bairro periférico e muito carente da cidade, com realidades que envolvem drogas e violência, além do distanciamento da família com a escola, o que foram pontos que a educadora destacou como uma das maiores dificuldades vivenciadas por ela e demais colegas.

## 2.2. ESCOLHA DO INSTRUMENTO PARA A COLETA DE DADOS E ANÁLISE

O ato de fazer uma pesquisa em busca de conhecer ou confirmar dados, estatísticos ou falas cotidianas e de autores é um ato de grande valia para o conhecimento científico, e é por tão grande relevância que esse é um trabalho que merece uma seriedade e clareza quanto ao que se deseja saber e o instrumento a utilizar.

No presente trabalho a opção por uma abordagem qualitativa, “[...] justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social” (RICHARDSON, 1985, p.38), no caso, entender como acontece o ensino da leitura e da escrita nas salas de primeiro ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

O instrumento escolhido para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, que, após a leitura de obras de autores e estudiosos sobre tema a ser pesquisado, viu-se que esse era o melhor método para se investigar as questões e curiosidades que se desejava pesquisar.

O termo *entrevista* é construído a partir de duas palavras *entre* e *vista*. *Vista* refere-se ao ato de ver, ter preocupação de algo. *Entre* indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou coisas. Portanto, o termo *entrevista* refere-se ao *ato de perceber realizado entre duas pessoas* (RICHARDSON, 1985, p. 161).

Analisando essa visão de Richardson (1985), fica compreensível a grande importância que uma entrevista exerce para a pesquisa. Entrevistar, dentro da conceituação acima, consiste em interagir com o sujeito pesquisado a ponto de

buscar compreender as suas falas, uma comunicação bilateral, que permite uma maior satisfação para os resultados que se deseja alcançar, em outras palavras, uma maior compreensão da visão e das respostas dadas pelo sujeito da pesquisa.

Na elaboração da entrevista destinada a essa pesquisa, buscamos primeiro conhecer o tema a ser investigado, partindo de leituras e teorias postuladas por grandes autores e estudiosos, selecionando os mais significativos temas que despertaram a curiosidade e, assim,, elaboramos questões destinadas às entrevistas para encontrarmos respostas que nos favorecessem o entendimento da nossa problemática de pesquisa para que conhecêssemos, ainda mais, o campo da alfabetização, que é o nosso maior objetivo, a aquisição do conhecimento. A pesquisa foi feita a partir da utilização da entrevista semiestruturada, que

[...] obedece a um roteiro que é apropriado fisicamente e utilizado pelo pesquisador. Por ter um apoio claro na sequência de questões, a entrevista semiaberta facilita a abordagem e assegura, sobretudo aos investigadores menos experientes, que suas hipóteses ou seus pressupostos serão cobertos na conversa [...] (MINAYO, 2010, p.267).

A entrevista contém dez questões específicas, foi direcionada para temas relevantes que se deseja abordar nesse trabalho e conhecer a realidade atual vivida em salas de primeiro ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no município de Cajazeiras/PB.

A análise dos dados obtidos foi feita a partir da junção dos aspectos mais importantes tratados nas falas das professoras a partir do olhar da pesquisadora, agrupando esses aspectos em três eixos temáticos centrais para que pudéssemos percorrer um diálogo envolvendo as falas obtidas nas entrevistas confrontadas com os teóricos e estudiosos apreciados durante os momentos de estudos para a elaboração deste trabalho.

### 3. ANÁLISE DOS DADOS: UM DIÁLOGO COM PROFESSORAS

Uma pesquisa séria precisa ter como principal objetivo produzir um conhecimento e sua chave principal é a capacidade do pesquisador relacionar os dados obtidos com o que dizem os teóricos e estudiosos do ensino. Tal atividade permite uma correlação entre o que diz as teorias e o que está acontecendo vivamente na atualidade.

Para a eficácia na coleta de dados, é muito importante que o entrevistado sinta-se confortável para que suas respostas confirmem suas vivências cotidianas. Neste capítulo, será discorrido sobre os dados obtidos a partir da entrevista semiestruturada feita com três professoras de salas de aulas do 1º ano dos Anos Iniciais Ensino Fundamental da rede pública de ensino da cidade de Cajazeiras/PB.

Os dados obtidos na entrevista foram agrupados a partir de três eixos temáticos: A aprendizagem da docência alfabetizadora: a essência do ensinar; Aquisição da leitura e da escrita: as percepções e dificuldades do professor alfabetizador e Práticas pedagógicas indispensáveis para a aprendizagem da leitura e da escrita, que serão desenvolvidos a seguir com base nas falas das professoras alfabetizadoras entrevistadas e a partir das reflexões realizadas durante os momentos de estudos da temática em questão.

#### 3.1 Aprendizagem da docência alfabetizadora: a essência do ensinar

Um importante passo para se conhecer a alfabetização é conhecer as visões de cada educadora, suas práticas atuais e como se iniciou a docência na vida de cada uma. Dessa forma, passamos a entender cada posicionamento nas falas das professoras pesquisadas e assim demos início aos nossos questionamentos. De acordo com as professoras a docência alfabetizadora foi escolhida à medida que gostavam de trabalhar com crianças em fase inicial de leitura e escrita. Assim, enfatizam:

[...] É uma escolha porque eu acho gratificante quando a gente vê que a criança está aprendendo e sem falar que eles são menores eu ainda tenho mais afinidade. A escolha da sala não foi escolha

própria, foi porque foi escolhida as salas e eu fiquei com o primeiro ano, mas eu escolhi ser alfabetizadora quando escolhi essa profissão (MARINA).

Foi uma escolha minha, sempre almejei, [...] desde criança que eu admirava essa profissão e as consequências do tempo me levou então a ser uma professora alfabetizadora, por isso que me esforço tanto em ser alfabetizadora (LÚCIA).

Foi uma escolha porque quando eu prestei o concurso publico né, eu quis trabalhar no ensino fundamental, não importa se primeira série ou quarto, quinto ano, porque o que eu queria era isso, então foi uma escolha minha, foi isso que escolhi porque gosto e porque admiro (ÉRICA).

Diante as falas das professoras, assume-se a postura de ser alfabetizadora a partir do momento que se escolhe o magistério como ofício. A admiração da profissão e o prazer em ver os alunos progredirem e aprenderem, foi o grande marco de suas falas. Esse pensamento nos faz compreender o quanto é importante ter dedicação e apressa pelo que faz, dar o seu melhor por algo que um dia escolheu exercer. Werneck (2004), vai nos dizer que a autoestima é um importante recurso para a prática docente, afinal,

[...] se perguntássemos qual o professor que desejamos para os nossos filhos, certamente teríamos como resposta que esse profissional deveria estimar a própria profissão. Dificilmente os alunos conseguirão prazer em aprender se o mestre não tiver prazer em ensinar (p. 12).

Assim, podemos compreender que quando se tem prazer pelo que faz, quando o professor exerce sua profissão com prazer, tanto o ensino, quanto a aprendizagem tornam-se mais satisfatórios.

Muitas são as visões que se têm sobre o que de verdade constitui a alfabetização, o real conceito e a função social que esse processo de ensino influencia no modo de ver dos educadores. Há um consenso na visão das entrevistadas quanto à leitura enquanto parte inerente à alfabetização, mas, algumas particularidades puderam ser percebidas a partir de suas falas, assim, elas acreditam que alfabetizar,

[...] é mais do que aprender a ler e escrever, é ter uma visão crítica do mundo (MARINA).

[...] é conhecer mais o eu mesmo, é conhecer, é [...] fazer com que o outro enxergue mais, [...] é ver o mundo com outros olhos, fazer com que principalmente, as crianças elas possam ter um futuro melhor. Eu acho que o alfabetizador, para que ele cumpra o seu papel de alfabetizador é necessariamente primeiro ele ser humano, humano e ter responsabilidade [...] (LÚCIA).

[...] é quando se dá o início, quando a criança começa a ler, porque no início ele ainda não está lendo aí vai se adaptando até chegar ao processo que ele está alfabetizado, que ele sabe ler e escrever corretamente e fazer as quatro operações. Então pra mim, estar alfabetizado é quando ele chega a esse nível (ÉRICA).

Conceituar alfabetização não é uma tarefa fácil e esse é um ponto que vemos muito a divergência entre aquele que o diz pela prática cotidiana e aquele que sente o ato de alfabetizar como um ato social. Nas falas acima podemos perceber a divergência que há quanto a forma de pensar sobre a alfabetização entre os educadores, enquanto uma resume a alfabetização como um ato de aquisição da leitura e escrita socialmente exigida e a capacidade de efetuar pequenos cálculos, as outras duas ampliam o conceito, transforma o alfabetizar em uma ação voltada a formação humana, o despertar para a criticidade, para a visão de mundo.

Magda Soares (2003) traz uma importante discussão acerca da atual abrangência na conceituação da alfabetização, e diz que,

[...] pedagogicamente, atribuir um significado muito amplo ao processo de alfabetização seria negar-lhe a especificidade, com reflexos indesejáveis na caracterização de sua natureza, na configuração das habilidades básicas de leitura e escrita, na definição de competência em alfabetizar (SOARES, 2003, p. 15).

Por essa conceituação, a alfabetização em um sentido específico é o processo da aquisição da leitura e da escrita, e o ato de tornar seu conceito abrangente tiraria essa responsabilidade atribuída ao educador alfabetizador, tornando sua função muito maior do que ensinar o código escrito, o que pode acarretar em uma cobrança social ainda maior, como foi visto nas falas das professoras acima, apenas uma encarar a sua função como mediadora para a aprendizagem da leitura e da escrita, as demais, possuem essa visão de responsabilidade social que vai além da aquisição do código.



Reconhecer a leitura e a escrita como especificidade da alfabetização nos remete a uma importante reflexão acerca da importância de se estimular esse reconhecimento nos alunos e de que forma poderemos trabalhar em diferentes salas de aula. Nossas entrevistadas vão nos dizer que desenvolvem um trabalho pautado na,

[...] contação de historinhas todos os dias, entregando livros para que eles façam leitura, tanto de imagens como tentar ler alguma coisa sozinhos (MARINA).

[...] costumo estimular através de gravuras, de jogos, [...] geralmente eu costumo também trabalhar em grupo, [...] gosto de confeccionar com eles, isso estimula também. Se eu for trabalhar, tipo, uma música, antes de trabalhar a música com eles, eu já trago algumas palavras e quando a gente cantar a música eles perceberem, aí nós vamos trabalhar aquela palavra [...] (LÚCIA).

[...] Cada dia da semana tem um dia dedicado a leitura, então eu faço a rodinha de leitura, exponho os livros, [...] porque eles se interessam por leitura assim. [...] quando você faz o cantinho da leitura e leva pra sala vários tipos de gêneros textuais, isso vai despertar neles o interesse pela leitura, pelo menos comigo é assim. Eu também empresto os livros para eles levarem pra casa, faz a leitura em casa e na segunda feira eles trazem os livros e contam o que foi que eles leram em casa (ÉRICA).

O estímulo da leitura e da escrita em salas de alfabetização é visto como essencial, pois, como defendem as professoras entrevistadas, além de estimular o interesse pelos livros, pela leitura, torna mais fácil a aquisição e aprendizagem da leitura e da escrita. Algumas relataram que sua base de trabalho é a leitura de forma concreta, com livros, conto de histórias, histórias com imagens. A professora Lúcia trouxe presente a importância da coletividade, de criar e recriar junto do aluno, o que é muito importante, desenvolver a potencialidade criadora da criança.

A forma como as educadoras relatam sua metodologia de trabalho com a leitura, mostra que se procura um ensino prazeroso, fazer com que o aluno participe diretamente do ensino, seja recontando histórias que leu em casa ou confeccionando junto do professor e dos colegas, “[...] é uma prática pedagógica que proporciona o desenvolvimento da expressividade, do uso funcional da linguagem, da leitura e da reflexão sobre o mundo” (CÓCCO, 1996, p. 59).

A expressão, por sua vez, é a chave para a compreensão do mundo e a partir dela, a criança consegue demonstrar aquilo que está aprendendo, das mais variadas

formas. Para que consigamos obter êxito nessa brilhante tarefa de alfabetizar é preciso se ter clareza do que é essencial, para que assim, tenha-se um planejamento com base nas práticas mais importantes para se colocar em prática. Ao serem questionadas sobre isto, as professoras disseram que

[...] é essencial trabalhar todos os dias a leitura, tanto a leitura do professor pra eles, como incentivar a leitura deles mesmo, como a leitura em historinhas, a leitura-participativa que é a primeira parte da aula todos os dias [...]. Eles conseguem entender que ali tem palavras, é tanto que eu também sempre procuro trabalhar as palavras da história na aula, nas atividades (MARINA).

[...] essencial mesmo é preparar uma criança! Primeiro você tem que preparar, [...] tem que se familiarizar com o ambiente, socializar com a turma, para depois ir começar a despertar para aprender a questão de letras, de cores e tudo mais [...] (LÚCIA)

A leitura! Primeiro começar com as letras né, porque se você for trabalhar a leitura sem antes o aluno conhecer a letra, ele vai ficar meio perdido, e trabalhar essa letra contextualizada, porque se você for trabalhar a letra em si ele vai ter mais dificuldade, daqui que ele venha aprender o alfabeto inteiro, e quando você trabalha dentro do texto, facilita mais tanto o trabalho do professor quanto a aprendizagem do aluno. [...] trabalhar também de acordo com a realidade do aluno, porque se você trabalha com a realidade dele, ele já vai ter um conhecimento prévio sobre aquilo, facilita mais a aprendizagem dele [...] (ÉRICA)

Há um consenso sobre a essência da alfabetização que é o trabalho com a leitura, porém, outros aspectos de grande relevância foram atribuídos como chave para esse processo, que foram a socialização, o preparo da criança e a contextualização do ensino de acordo com o conhecimento prévio da criança, que justificado pela professora Érica, esse é um facilitador da aprendizagem.

Essa visão vem de encontro com a justificação de Paulo Freire ao defender que “[...] quando se trabalha os saberes dos educados, pode-se observar que o desempenho e o desenvolvimento é diferenciado. O professor sábio aproveita as experiências que tem seus alunos [...]” (FREIRE, 1996, p. 30); e saber aproveitar essas experiências, certamente é uma forma de aproximar o aluno do saber que se deseja construir, principalmente ao ensino da leitura, dito como essencial por ambas as entrevistadas, aproximar a leitura de vivências do cotidiano da criança torna a curiosidade em aprender e sua significância ainda maior.

### 3.2 Aquisição da leitura e da escrita: as percepções e dificuldades do professor alfabetizador

As práticas efetivas dos educadores para almejar o sucesso da alfabetização, devem ser muito bem pensadas e executadas, é preciso clareza em todos os aspectos que envolvem esse processo, buscando conhecer cada elemento que o compõe.

A forma com que cada educador vê esses elementos essenciais nem sempre é a mesma, porém, suas práticas demonstram familiaridade uma com a outra; isso ficou perceptível ao perguntar as professoras o que elas entendem por leitura e escrita, ao relatarem que,

Leitura e escrita na alfabetização para mim é essencial, [...] tem muita criança que sabe escrever e que não sabe ler, ou que sabe ler e não sabe escrever, acho que é um conjunto, tem que andar junto a leitura e a escrita. A escrita é o complemento da leitura, se eles só copiam não há uma autonomia, só copia porque está lá e está vendo, só transcreve, a escrita parte da autonomia da criança (MARINA).

Na minha visão leitura e escrita é saber repassar o seu conhecimento através das entrelinhas, [...] não só juntar palavras, mas compreendê-lo, eu entendo por isso (LÚCIA)

Existem várias formas de a criança ler e escrever depende do nível em que ela se encontre, por exemplo, a criança que não sabe ler pegando o livro e fazendo a leitura de um texto, mas através de um desenho ela pode fazer a leitura da imagem, então tem varias formas de se fazer a leitura [...] (ÉRICA)

O ponto chave que une essas visões é a compreensão, aprender a ler e escrever, para essas educadoras, está inteiramente ligada à apreensão do que se está escrito, a capacidade de transmitir, de entender os mais variados tipos de leitura, sejam com letras ou desenhos, e, de acordo com Marina, escrever é um ato despertado pela autonomia, algo que vem para complementar a leitura e que não deve ser mero ato de transcrição.

Dias (2001), diz que “[...] somente a partir do conhecimento da(s) função(ões) da escrita é que se pode supor uma aprendizagem efetiva por parte dos alunos [...]” (p. 53), não há como ensinar a escrever se o professor não compreender as etapas

que o aluno ultrapassa até conseguir a plena habilidade de escrever de forma compreensível, como exige os códigos sociais, o mesmo acontece com a leitura, compreender a leitura como o ponto chave para despertar a familiaridade com os livros, com os escritos e como um dos elementos essenciais para a socialização é fortalecer a importância que o ato de alfabetizar exerce para integrar a criança à sociedade.

Mesmo com as peculiaridades nas falas de cada entrevistada, uma coisa é certa, todas têm como objetivo de trabalho concluir o ano com todos os alunos alfabetizados, com as habilidades necessárias para a vida social. A partir dessa conclusão, surgiu a curiosidade em saber como estas professoras entendem que um aluno está ou não alfabetizado, o que faz com que elas percebam que seu objetivo foi alcançado e relataram que conseguem essa identificação quando,

[...] ele consegue ler sozinho, quando ele consegue escrever alguma palavra sozinho, quando ele também consegue ter uma visão mais crítica do que ele vê durante as aulas [...] (MARINA).

Eu faço o acompanhamento diário do aluno [...] eu percebo justamente no desenvolvimento das atividades, da leitura e [...] da escrita, o comportamento deles já diferencia, porque o aluno que ele não está alfabetizado, ele não fica centrado na aula, porque ele não está acompanhando o conteúdo [...] (LÚCIA).

Quando estou fazendo a leitura com eles, a partir do momento que eu percebo que eles já conseguem ler e produzir na escrita corretamente é porque já estão alfabetizados, [...] quando eles já conseguem aquele nível de leitura e escrita favorável é porque está bom (ÉRIKA)

Com essas respostas fica claro a unanimidade na forma de verificação da aprendizagem dos alunos, ambas relataram que conseguem identificar que seus alunos estão alfabetizados a partir do momento que eles conseguem ler e escrever, uma ressalva importante a se fazer na fala da professora Lúcia quando diz que há um acompanhamento diário do aluno e que esta aprendizagem influencia diretamente no comportamento e concentração da criança.

A professora Lúcia apresenta uma forma de pensar em que Werneck (2004) diz “[...] a avaliação não ocorrerá somente nos momentos marcados para se avaliar, mas será um processo contínuo de quem está ensinando e aprendendo. Deixar para

depois poderá significar perda irreparável no processo de aprender” (p. 46). Essa avaliação contínua diminui as possíveis perdas que o alfabetizador possa vir a ter caso não esteja diariamente atento aos progressos e dificuldades de seus alunos, é um exercício que os aproxima ainda mais, favorecendo essa troca de informações.

Sabemos que essa tarefa não é tão simples, isso é fato, envolve muita dedicação e jogo de cintura para conseguir compreender as particularidade de cada aluno, principalmente por haver inúmeras outras dificuldades vivenciadas pelos professores alfabetizadores. Nossas entrevistadas relataram que suas maiores dificuldades na verdade são encontradas,

Na hora da escrita, para trabalhar a escrita das palavras, [...] sempre tem aqueles que eu acho que eles ficam com medo, não tem tanta segurança em si mesmos, sabem escrever, mas ficam presos, não conseguem (MARINA).

Em matemática. Os alunos tem muita dificuldade em matemática, as letras é fácil deles compreenderem, saber diferenciar letras de números tudo bem, mas saber juntar, subtrair é bem difícil, principalmente quando você vai trabalhar a questão do calendário, é muita dificuldade [...] (LÚCIA).

Eu encontro mais dificuldades no número de alunos, porque eu tenho 33 alunos, dos 33 tem três que são autistas e além dos três autistas ainda tem um que é esquizofrênico também, então a minha dificuldade maior é essa, trabalhar tanto com as crianças que são especiais junto com os outros, ao mesmo tempo eu não tenho um auxílio de ninguém.

[...] E quanto ao ensino, a dificuldade grande que tenho [...] é a questão da falta de apoio da família, a família não ajuda muito, porque a gente vê a diferença daquela criança que é acompanhada em casa e aquela que não é, então tem também essa dificuldade. [...] (ÉRICA).

Diante as falas acima, podemos identificar algumas das principais dificuldades vivenciadas pelas professoras alfabetizadoras, os relatos dizem que há dificuldades no ensino da escrita, no ensino da matemática e o relato da professora Érica, que traz presente em sua fala a falta de apoio da família, a superlotação da sala de aula e ainda o ensino com alunos deficientes sem que tenha auxílio de profissionais especialistas nessa área.

Esse entendimento reforça, ainda mais, a importância de um bom preparo na formação desses professores, afinal, as dificuldades a serem enfrentadas são muitas e podem influenciar diretamente na qualidade do trabalho a ser

desempenhado, para que mesmo com tantas dificuldades, se tente acertar em cada decisão, em cada prática. Assim, é possível acrescentarmos que,

O pensar certo sabe, por exemplo, que não é a partir deles como um dado que se conforma a prática docente crítica, mas sabe também que sem ele não se funda aquela. [...] Por isso, é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador (FREIRE, 2011, p.39).

O professor em sua formação como também em suas práticas efetivas na sala de aula, precisa formular suas próprias ideias e saberes para superar as dificuldades encontradas, não há formas prontas ou um único caminho para solucionar os problemas, o que deve existir é uma dedicação e esforço para que o ensino tenha uma boa qualidade, independente dos obstáculos que se tenham a superar.

### 3.3 Práticas pedagógicas indispensáveis para a aprendizagem da leitura e da escrita.

Mais do que recursos e metodologias é preciso pensar a alfabetização como um espaço em que cada prática que você desempenha em sala de aula, terá um importante impacto na educação dos alunos. Ao questionar às professoras entrevistadas quais as práticas consideradas indispensáveis para o trabalho com a alfabetização e qual a importância dessas práticas, elas relataram o seguinte:

Trabalhar com histórias, leitura de imagens e a escrita também. [...] A importância é tornar o aluno autônomo, [...] ler e escrever com autonomia. Um professor alfabetizador tem que ter carinho pelas crianças, isso é muito importante, a afetividade, despertar a autoestima do aluno também é muito importante [...] (MARINA).

Indispensável [...] é o planejar, você ir para uma sala de aula sem planejar, você não tem como desenvolver [...] outra parte fundamental na alfabetização é ser um professor dinâmico, tentar procurar conhecer o lado do aluno, não só a questão de letra, mas

também conhecer o lado social também, porque se não você não tem como alfabetizar [...] (LÚCIA)

A leitura todos os dias, [...] a partir do momento que o professor faz a rotina de leitura com as crianças, que ele chega a pegar o livro, tem o contato com o livro, já é um estímulo pra que ele melhore a leitura dele, [...] eles precisam ter o contato com o livro mesmo, com a leitura, para que eles consigam desenvolver a leitura (ÉRICA)

A partir dessas falas podemos perceber que duas professoras enfatizam que a leitura deve ser uma prática efetiva no cotidiano da sala de aula e uma delas, Marina, reforça que essa prática diária contribui para a autonomia da criança, já a professora Lúcia vai além quando relata que a prática essencial para um bom alfabetizador é o ato de planejar, desenvolvendo um trabalho voltado para a dinamicidade e para o lado social do aluno, reforça que isso é um ato ainda maior do que o ensino das letras.

É de extrema importância que o professor alfabetizador tenha clareza das ações desenvolvidas em seu exercício da docência, Ferreiro (2001) diz que,

Nenhuma prática pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem. São provavelmente essas práticas (mas do que métodos em si) que têm efeitos mais duráveis a logo prazo, no domínio da língua escrita como em todos os outros (p.31).

Portanto, devemos ter claro que toda e qualquer prática que se exerce no processo de ensino e aprendizagem terão consequências na vida do educando, por isso, é imprescindível que o alfabetizador planeje para refletir sobre as práticas efetivas que ele deseja desempenhar em sala de aula.

Afinal, o ensino da leitura e da escrita deve ser fundamentado em práticas consistentes e coerentes para que aconteça um bom trabalho, assim, questionamos as professoras quais as práticas cotidianas voltadas para o ensino da leitura e da escrita, e relataram que seu trabalho firma-se do seguinte modo:

A leitura em si mesmo, a leitura no quadro, a leitura das palavras por sílabas, ditados, ditados de palavras, ditados de sílabas também, deixar eles livre para escrever alguma palavra, como entregar uma folha para que eles façam um desenho e desse desenho eles façam o nome do desenho também, tentem escrever alguma palavra, uma letra que represente aquele desenho se não sabe a palavra toda (MARINA).

[...] gosto de utilizar muito o material concreto, gosto de confeccionar com eles, porque uma coisa que é confeccionada com eles fica uma prática diferenciada daquela que já vem pronta, eu construo a minha prática juntamente com eles, [...] é uma prática que é diferenciada a cada turma [...] (LÚCIA).

[...] a gente faz as leituras, eu procuro colocar eles pra ter o contato com os livros, fazer as leituras, tanto eu procuro fazer a leitura individual como coletiva, [...] eles levam os livros, leem em casa, faço a rodinha de leitura no chão, eles tem acesso aos livros [...]. Na parte da escrita, eu procuro fazer com eles a produção de textos para aqueles que já estão em fase de alfabetização, porque aqueles que ainda não estão eles fazem mais em forma de desenho, de imagens, recorte e colagem [...] (ÉRICA)

A grande proximidade nas falas acima é que ambas entendem que o ensino só acontece quando se pratica, quando torna aquele modo de ensino em uma atividade rotineira, reforçando que a leitura deve ser desenvolvida das mais variadas formas. A professora Lúcia traz uma visão de que as práticas devem ser voltadas à construção coletiva, para ela, essa prática diferenciada fortalece, ainda mais, a aprendizagem da leitura e da escrita.

É útil se perguntar através de que tipo de práticas a criança é introduzida na língua escrita, e como se apresenta este objeto no contexto escolar. Há práticas que levam a criança à convicção de que o conhecimento é algo que os outros possuem e que só se pode obter da boca dos outros, sem nunca ser participante na construção do conhecimento. Há práticas que levam a pensar que “o que existe para se conhecer” já foi estabelecido, como um conjunto de coisas fechado, sagrado, imutável e não-modificável [...] (FERREIRO, 2001, p. 30-31).

A essência que devemos abranger a partir da fala de Emília Ferreiro (2001), é se perguntar qual o tipo de prática que quero colocar em exercício para direcionar o ensino da leitura e da escrita e de que forma será fundamental para o sucesso da criança. Há práticas que mais distanciam o aluno do saber do que aproximam, tornando-o quase uma utopia, algo que se deseja mas que considera impossível de alcançar, por isso é muito importante que se reflita sobre as práticas que vêm sendo vivenciadas nas salas de alfabetização.

Uma das práticas que merecem consideração nesse trabalho é a necessidade de diferenciação nas atividades feitas em sala de aula para alunos em diferentes etapas de aprendizado, pois ao serem perguntadas sobre como de fato isso



acontecia com seus alunos e se isso era algo importante a se fazer as professoras entrevistadas responderam que,

Sim porque a cada processo é um aprendizado diferente [...] a sala nunca é homogênea [...], eu faço para alguns de forma diferente, é tanto que eu deixo eles sentados mais próximos e perto um do outro para que trabalhem juntos (MARINA).

É necessário sim! Se você não fizer atividades diferenciadas você não vai ter bons resultados não, [...] então de acordo com o nível será atividade (LÚCIA)

Com certeza, porque eu não posso passar a mesma atividade para um aluno que já lê enquanto outro ainda está, por exemplo, no nível pré-silábico, [...] ele não vai conseguir atingir aquele objetivo, [...] e com relação aos alunos que são especiais, que já tem que o nível de dificuldade deles é maior ainda, então tem que ser outra atividade diferenciada, para cada nível tem uma atividade (ÉRICA)

O reforço de que a heterogeneidade predomina as salas de aulas e as diferenças entre as etapas de desenvolvimento de cada aluno, seja com deficiência ou não, faz com que as professoras sejam unânimes quanto à necessidade da elaboração de atividades diferenciadas para seus alunos, acreditando que só assim obterão a qualidade desejada.

É preciso planejar atividades diferenciadas para a abordagem dos conteúdos, pois é preciso considerar os diferentes patamares de aprendizagem dos alunos, de forma a propor atividades que respondam à necessidade de progressão de cada um deles (CASTANHEIRA, 2008, p. 53)

Diferenciar as atividades de acordo com as necessidades do aluno é um ato de respeito ao seu desenvolvimento, fazendo valer essa diferenciação como um ato de valorização do que já aprendeu e uma busca pelo avanço do seu saber, do que ele ainda tem para aprender, jamais essas atividades devem estagnar o que ele já domina em uma zona de conforto, mas é preciso tentar superar essas dificuldades para que se consiga progredir e esse é um dos meios que o professor alfabetizador tem em mãos para conseguir obter êxito em seus objetivos de trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalização deste trabalho nos permite constatar como é importante conhecer a realidade da alfabetização nos dias de hoje. Há uma imensa cobrança quanto aos aspectos ligados ao domínio da leitura e a escrita em todo o processo escolar do estudante e, muitas vezes, conhecer como se iniciou este processo de ensino, desde os primeiros anos escolares, poderia ser o ponto chave para entender as causas das dificuldades dos estudantes.

Nos dias atuais há uma grande defesa para que a alfabetização aconteça junto do letramento, uma forma de ensino que visa aproximar-se ao conhecimento de mundo já vivenciado pela criança, afinal, antes mesmo de qualquer aproximação com a escolarização, o indivíduo já traz em si muitos saberes e aprendizados adquiridos a partir das experiências sociais, assim, a defesa para que a alfabetização se dê paralelo ao processo de letramento parte do entendimento que assim, tudo se torna mais fácil e o aluno vê que já sabe muito, é um estímulo para que ele queira aprender cada vez mais.

O confronto do que defendem os estudiosos da área com a pesquisa para conhecer como realmente a prática vem acontecendo nas salas de aula, é o ponto principal desse trabalho, pois, conhecer a teoria ou a prática de forma isolada faz com que tenhamos o conhecimento de apenas um dos lados, mas, ao conhecer de fato como as práticas vêm acontecendo, nos permite refletir sobre de fato como acontece o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita no processo de alfabetização.

Com isso, nosso sentimento é de ter cumprido o objetivo inicial desse trabalho de pesquisa, que era exatamente o conhecimento sobre esse desenvolvimento nas salas de primeiro ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, além de buscar saber quais as maiores dificuldades encontradas por professores alfabetizadores e as práticas predominantes nesse ensino.

Outro importante aspecto enfatizado nesse trabalho é sobre o desenvolvimento dos alunos, quais os processos vivenciados pelos alunos durante a aprendizagem da leitura e da escrita, assim, ficou evidente a importância de se conhecer os níveis conceituais linguísticos e as características que envolvem cada um deles, como os alunos vivenciam cada uma das etapas e características

encontradas nesses níveis, que, pelo que pudemos concluir, o conhecimento sobre essas etapas é a chave para que o professor possa reconhecer melhor o desenvolvimento dos seus educandos, e, conseqüentemente, proporcionar um ensino adequado as necessidades de seus alunos.

O estudo sobre o processo de desenvolvimento da alfabetização nos permite um conhecimento sobre aspectos fundamentais que envolvem essa etapa base na vida da criança, afinal, aprender a ler e escrever é mais do que um aspecto escolar, são critérios para que o indivíduo possa conviver socialmente com o mundo letrado em que vivemos e que exige esse domínio a todo momento.

Ao fim do trabalho, guardamos um importante lição, mais do que dominar os conceitos do que é alfabetização, leitura e escrita, é a prática como o ensino desses componentes acontecem, a importância de se conceber a educação como uma troca de saberes e que esses saberes, em sua maioria, podem ser aprendidos socialmente e na escola se tem a importante missão de reconhecer e aperfeiçoar esses saberes, torna assim, a base do ensino no processo de alfabetização, o respeito pelo que o outro sabe e a dedicação em doar o seu saber, enquanto professor, sendo capaz de se auto avaliar cotidianamente e reaprender a cada situação.

Assim, conseguimos concluir que nossos objetivos foram alcançados à medida em que as professoras falavam das suas experiências realizadas em sala de aula e do entendimento do que seja a leitura e a escrita nessa fase de escolarização. Cada uma com sua experiência nos possibilitou refletir a temática de modo que favoreceu o entendimento de que conhecer a realidade dos alunos, fazer com que entendam as especificidades do ensino, bem como a importância da relação professor-aluno, em sala de aula, são processos favorecedores do ensino aprendizagem escolar.

## REFERÊNCIAS

ANDALÓ, Adriane. **Didática da Língua Portuguesa para o ensino fundamental: alfabetização, letramento, produção de texto em busca da palavra mundo.** São Paulo. FTD, 2000.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador.** São Paulo: Ática, 1994.

CASTANHEIRA, M. L.; MACIEL, F. I. P.; MARTINS, R. M. F.. **Alfabetização e letramento na sala de aula.** Belo Horizonte: Ceale/ Autêntica, 2008.

CÓCOO, Maria Fernandes; HAILER, Marco Antônio. **Didática de alfabetização: decifrar o mundo: alfabetização e socioconstrutivismo.** São Paulo: FTD, 1996.

DIAS, Ana Iório. **Ensino da linguagem no currículo.** Fortaleza. Brasil Tropical, 2001.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a alfabetização.** Tradução Horácio Gonzales (et. Al.), 24. ed. Atualizada. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 14)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. (coleção leitura)

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo. Paz e Terra, 2011.

GARCIA, Regina Leite. **A formação da professora alfabetizadora: reflexões sobre a prática.** 4 ed. São Paulo. Cortez, 2003.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador.** 17.ed. São Paulo: Ática. 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 12. Ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo: Ática, 1985

SMOLKA, Ana Luzia Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: a Alfabetização como processo discursivo.** 11. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2003 (Coleção passando a limpo).

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Contexto, 2003.

WERNECK, Hamilton. **Educar é sentir as pessoas.** Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2004.

## APÊNDICE A



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**



### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) participante,

Sou estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, *campus* de Cajazeiras/PB e estou realizando uma pesquisa sob a supervisão da Prof. Dr<sup>a</sup> Zildene Francisca Pereira (UFCG), cujo objetivo é Identificar as práticas de professores voltadas ao processo de alfabetização de alunos em turmas de 1<sup>o</sup> ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais do ensino público da cidade de Cajazeiras.

Sua participação envolve uma entrevista, que será gravada se assim você permitir e terá duração aproximada de trinta minutos. A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a). Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você contribuirá com a produção de conhecimento científico na área educacional.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa contatar com a Professora Orientadora Zildene Francisca Pereira, e-mail: [denafran@yahoo.com.br](mailto:denafran@yahoo.com.br) e a Pesquisadora Ildamara Martins Lira, e-mail: [maramarthinsl@gmail.com](mailto:maramarthinsl@gmail.com).

Atenciosamente,

---

Assinatura da Estudante  
Matrícula: 211230102

---

Assinatura da Professora Orientadora

**Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que recebi uma cópia desse documento.**

---

Assinatura do Participante Voluntário(a) da Pesquisa  
RG:

## APÊNDICE B



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**



### ROTEIRO PARA O QUESTIONÁRIO

O presente questionário objetiva ser aplicado como parte da elaboração da pesquisa para o trabalho de conclusão de curso da aluna Ildamara Martins Lira, do curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande e tem como tema: Leitura, escrita e práticas pedagógicas na alfabetização.

#### 1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Formação: \_\_\_\_\_ Tempo de formação: \_\_\_\_\_

Especialização: \_\_\_\_\_

Tempo de atuação no 1º ano dos Anos Iniciais no Ensino Fundamental: \_\_\_\_\_

#### 2. QUESTIONÁRIO

- 1) Para você ser professora alfabetizadora é uma escolha?
- 2) Qual a compreensão que você tem sobre a alfabetização?
- 3) O que você entende por leitura e escrita?
- 4) Quais as práticas que você considera indispensáveis para o trabalho com a alfabetização e qual a importância dessas práticas?
- 5) Você costuma estimular a leitura em seus alunos? De que forma? Qual a importância que esse estímulo desempenha e/ou influencia no seu trabalho?
- 6) Quais as práticas utilizadas no cotidiano da sala de aula para promover a aprendizagem da leitura e da escrita?
- 7) Como você reconhece que um aluno está ou não alfabetizado? (Exemplos)
- 8) Nas suas atividades em sala de aula, quais você encontra mais dificuldades?

- 9) Você considera necessária a elaboração de atividades diferenciadas para os alunos em processo de alfabetização? Por quê?
- 10) Para você o que é fundamental para ser trabalhado na alfabetização? Por quê?